



O BARCO DE PAPEL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um barco de papel, que se fez ao mar.
Barco de papel, no meio do mar, estão a ver o que lhe aconteceu... Escangalhou-se à primeira onda.

E regressou à praia. Estatelado na areia, era uma lástima vê-lo.

Andava por ali um jornalista, coleccionador de desastres e desgraças, que lhe perguntou:

– Senhor barco de papel, como se sente, depois da aventura?

O barco, todo amarrotado pelo desespero e a humilhação da derrota, esboçou um sorriso. Um sorriso de papel:

– O que sinto vê-se. Não lhe posso dizer mais nada.

Mas o jornalista insistiu:

– Atribui, porventura, o seu naufrágio a alguma causa em especial?

– À minha pouca prática, apenas – respondeu o barco de papel. – E pode escrever que também à minha falta de vocação.

O jornalista ainda:

– Falta de vocação? Interessante. Nesse caso, se pudesse ter voltado atrás, o que teria feito?

O barco de papel ou o que dele sobrara fugiu da pergunta, aproveitando o escorrega de uma onda, que descia da praia. Estava muito cansado o barco de papel. Mas o jornalista, molhando os sapatos, correu atrás dele:

– Não chegou a dizer-me, senhor barco de papel... Por favor, o que teria sido se pudesse voltar atrás?

De longe, quase desfeito, o barco respondeu:

– Avião de papel. É evidente. E hei-de conseguir.

FIM